



## JOÃO JACQUES

João Jacques Ferreira Lopes nasceu em Fortaleza em 27 de janeiro de 1910 e faleceu na mesma cidade no dia 4 de dezembro de 1999, aos 89 anos de idade. Foi funcionário da Rede Viação Cearense e do estado do Ceará, secretário de Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza, chefe do gabinete do presidente do Banco do Nordeste do Brasil e diretor da Empresa Cearense de Turismo, EMCETUR.

Cronista, contista, pintor, poeta e jornalista, foi redator chefe e editorialista do jornal *O Povo* e um dos criadores do jornal modernista *Cipó de Fogo*. Otacílio Colares assim opinou sobre sua poesia: “Como poeta, ele reflete o cronista e o pintor excelente que é, enamorado dos tons e amante da vida na sua imensa simplicidade. As palavras, em seus poemas, são cores de paleta rica, emolduradas de muito sentimento”. Publicou: *Aspectos econômicos do Ceará* (reportagens), 1954; *Alma em corpo oito*, 1964; *A grande viagem*, 1966; *Os cardeiros sangram*, 1967; *Uma fantasia e nove histórias reais*, 1969; *A prece do menino aflito* (poesias), 1971; *A canção do tempo*, 1978; *Contos e cantos* (poesia e prosa), 1981; *Galeria de honra*, 1986; e *Otacílio de Azevedo*, 1992.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 10 de outubro de 1967, ocasião em que foi saudado pelo poeta Artur Eduardo Benevides. Substituiu Júlio Maciel na cadeira 28, cujo patrono é Mário da Silveira. Era membro da Associação Cearense de Imprensa, da Academia Cearense de Jornalismo e da Academia Cearense de Retórica. Comendador da Santa Sé pela Ordem de São Silvestre.

### PARALELO COM O ABSTRATO

*Tu te formaste, ganhando um canudo.  
Eu me informei sem diploma.*

*Chegaste, de vitória em vitória,  
ao fim de uma carreira.  
Continuo, de queda em queda,  
no começo de uma andança.*

*Tens uma pedra no dedo  
e eu, outra, no sapato...*

*Na engenharia, a tua especialidade  
é a arquitetura.  
Na minha profissão indefinida,  
tenho uma técnica  
mais indefinida ainda.*

*Lidas com o barro, a areia, a cal,  
a pedra, o cimento e o ferro.  
Meu material é de todo imaterial:  
o sonho, a saudade, a tristeza, o amor...*

*Na fôrma de madeira, derramas  
o concreto.  
Na forma, ponho o abstrato...*

*Da tua treina e dos teus cálculos  
saem colunas, vigas, lajes e  
arranha-céus.  
Das idéias e do coração tiro soluços  
e gargalhadas.*

*Tens vinte por cento nas plantas e  
orçamentos, enquanto  
eu pago para fazer projetos,  
lucrando apenas experiência.*

*E, quando a morte vier,  
ela, a destruidora,  
ela, a igualitária,  
ela, a cega de guia,  
não ficarão de teus templos  
pedra sobre pedra  
e de minhas catedrais de nuvens  
nem os sinos, nem os santos, nem os vitrais...*

*Apenas, sobre nós ambos,  
cantará  
a colher do pedreiro,  
a colher do coveiro,  
construindo a tua última parede,  
guardando num cofre o último poeta...*

FONTE: BENEVIDES, ARTUR EDUARDO. *ANTOLOGIA DE POETAS BISSEXTOS DO CEARÁ*. FORTALEZA: ED. CLÁ, 1970. P. 31-32.